

A BUSCA DE KEVIN

Abandonado numa favela do Quênia depois que os pais morreram de Aids, Kevin Sumba ousou ter sonhos mais grandiosos. Acreditem ou não, oito anos depois, ele está na universidade, cursando Medicina.

Por Miles Roston

Galinhas magras procuram comida no lixo enquanto avançamos por uma favela de Kisumu, a terceira maior cidade do Quênia, à margem do Lago Vitória. Estou com uma equipe internacional e queniana para dirigir um documentário para o Canal americano Sundance sobre a vida e os sonhos dos órfãos da epidemia de Aids. Descemos uma ruela enlameada e passamos por filas de choupanas até que o guia para e bate a uma porta verde desbotada.

Um menino bonito e magro, com o cabelo bem curto, sai no calor escaldante. Com o uniforme da escola, bermuda cáqui, camisa branca puída e sapato preto cuidadosamente engraxado, Kevin Sumba examina o nosso grupo com cautela e diz baixinho em suaíli, sua língua natal: “*Karibu*” (“bem-vindos”). Depois, sem mais nada dizer, nos manda entrar numa sala de teto baixo. As paredes são de barro; as janelas, cobertas com papel-manteiga. Além de um lampião a querosene e alguns livros didáticos, uma mesinha de madeira e seis cadeiras azuis iguais praticamente enchem a sala.

Kevin nos convida a sentar. Ele nos diz que as cadeiras pertencem à mãe, que morreu faz dois anos; e o pai, três anos antes dela. Hoje com 12 anos, ele mora sozinho desde os 10 neste barraco de dois cômodos. No Quênia, há mais de um milhão de crianças como Kevin, órfãs da Aids; no mundo inteiro, são quase 15 milhões.

Kevin nos chamou a atenção quando o centro católico vizinho soube que ele entrava escondido na escola depois da chamada. Em seguida, os líde-

res do centro descobriram que o menino fazia isso desde que a mãe morrera. Como não podia pagar a escola, Kevin desrespeitava as regras, porque, como ele mesmo diz, “Fico feliz quando estou na escola; lá, esqueço o passado. E, quando crescer, quero ser médico”.

Com seis homens adultos amontoados com ele no barraco, Kevin fala baixinho na sua língua natal enquanto um intérprete traduz. O menino explica que se sustenta torrando amendoim, que um amigo da mãe vende na feira enquanto ele assiste às aulas. Com os poucos centavos

De cabeça baixa ao responder educadamente às perguntas, Kevin revela o desejo de ser médico. “Não quero que mais ninguém morra como a minha mãe”, explica, tão baixo que mal conseguimos ouvir.



Kevin, o órfão da Aids, está decidido a sair das favelas do Quênia, a construir para si uma vida melhor e a ajudar os outros.

que ganha, Kevin compra tomate e repolho que cozinha no fogão a querosene para fazer um prato cujo nome, muito adequado, é *sukuma wiki* (“estica semana”).

Depois do jantar, Kevin admite que, às vezes, examina o pequeno lote de fotografias que tem da mãe falecida. Mas confessa que elas o fazem sentir “muito, muito sozinho”. Em vez disso, prefere deitar-se na pequena cama do quarto dos fundos e recordar as histórias que a mãe costumava lhe contar.

Enquanto Kevin fala, com a voz meio embargada, imaginamos como é levar a vida com tanta dificuldade. Com a

cabeça baixa enquanto responde educadamente às perguntas, Kevin reafirma o desejo de ser médico. “Não quero que mais ninguém morra como a minha mãe”, explica, tão baixinho que mal conseguimos escutar.

Movido pela determinação de permanecer na escola quando tantos outros acabariam caindo na rua, filmamos a sua história em algumas visitas, e, quando ficou mais à vontade com nossa equipe de filmagem, Kevin começou a falar em inglês hesitante. Convido-o a vir conosco para viver o seu sonho por um dia. Num ambulatório do hospital local, Kevin finge ser médico. Damos

a ele um jaleco branco e um estetoscópio e o filmamos fazendo um “exame de saúde” num integrante da equipe. Para alguém que raramente sorri, até que Kevin sorriu bastante naquele dia.

Quando partimos de Kisumu depois de conhecer esse menino tranquilo e diferente, tratamos o pagamento do custo e das mensalidades escolares de Kevin e combinamos com a equipe do centro católico que cuidasse dele. Também prometi a Kevin que manteria contato. Ao anoitecer, na rua principal, nos despedimos com um abraço e observo a silhueta solitária do garoto sumir. É difícil olhar para o outro lado.

Nos meses seguintes, enquanto termino o filme *14 million dreams* (14 milhões de sonhos), não consigo me esquecer de Kevin. Na entrevista, a sua profunda solidão me comove outra vez; a determinação de criar uma vida para si; e vejo de novo os raros sorrisos que lhe iluminam o rosto. Também sinto o coração apertado quando vejo as outras crianças do filme, apenas alguns dos 14 milhões de órfãos como Kevin.

Em 2002, o documentário vai ao ar em vários países. Para as apresentações no Senado dos Estados Unidos e num evento beneficente, peço o de-

poimento de Kevin. Ele manda um bilhete tocante sobre a solidão dos órfãos, e o público se comove. Percebo que posso fazer muito mais para lançar luz sobre a questão e decido realizar outro filme, dessa vez deixando as necessidades e os desejos de alguém como Kevin conduzirem a história. Pergunto a ele se está interessado.

Está. Em poucos dias, um fax manuscrito chega ao meu escritório com páginas de “perguntas de Kevin” para que eu as faça na Conferência da Aids de 2004, na Tailândia. Perguntas argutas como: “O que os líderes farão para garantir que a estatística da doença não aumente ainda mais?” e “Como divulgar informações sobre a Aids quando o po-

“Kevin é o rosto da pandemia de Aids”, observa o professor Steve Wesselingh em resposta às perguntas de Kevin. Como muitos cientistas que entrevisto, está visivelmente comovido.

vo é analfabeto?”

As perguntas são bem escritas e eloquentes, com o ritmo inconfundível de Kevin. São cheias de espanto com o sofrimento que vê à sua volta e de vontade de saber por que os líderes não se esforçam mais para melhorar a situação dos afetados pela epidemia. Fico comovido e inspirado.

Mais tarde, antes de começar o filme em Bangcoc, faço as perguntas dele a participantes da conferência, como Mary Robinson, ex-alta-comissária de

Direitos Humanos da ONU, e o professor Steve Wesselingh, diretor do Instituto Burnet, em Melbourne, Austrália. “Kevin é o rosto da pandemia de Aids”, observa Wesselingh ao responder às perguntas do garoto. Como muitos cientistas que entrevisto, Wesselingh fica visivelmente comovido. Eis uma criança que sentiu o impacto do HIV/Aids mas que está decidida a fazer a sua parte.

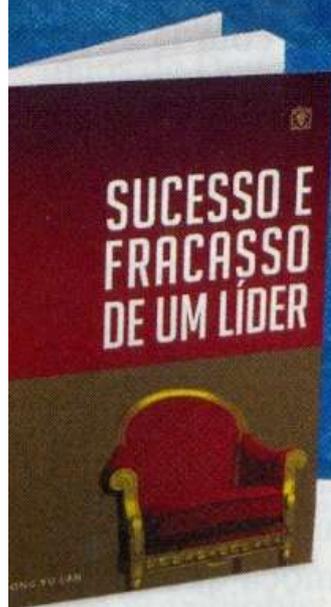
Uma pergunta específica de Kevin me incomoda. “Que responsabilidade os líderes assumirão para garantir que os que ficam para trás não sofram muito, principalmente os órfãos?” Quando releio a letra bonita de Kevin, me pergunto: *O que estou fazendo para garantir que ele não “sofra muito”?*

Com apoio dado ao meu filme pela Comissão Australiana de Cinema (hoje Screen Australia), pela Film Australia, pela rede ABC e pelo Sundance Channel, reencontro Kevin em fins de 2004. Na Escola Secundária Masculina de Kisumu, onde cursa a 9ª série, me pego vasculhando o rosto de todos os meninos de paletó vermelho e gravata.

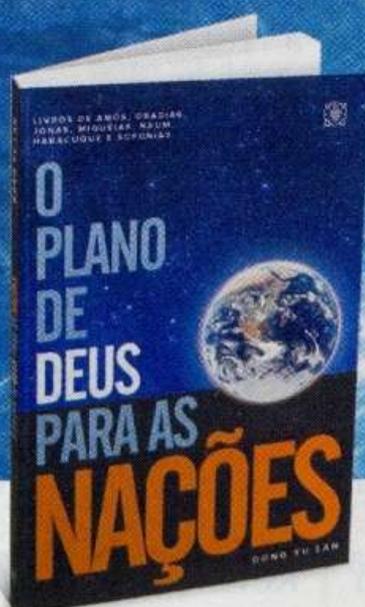
Por fim, um adolescente de passo firme desce o corredor com um sorriso largo. É Kevin, mais alto e risinho. Fico surpreso ao perceber como me emocio e como estou contente de ver esse menino corajoso.

No barraco, Kevin desembulha os presentes. “Estou muito melhor, e a escola e os amigos me deixam feliz”, conta. Como não precisa mais se preo-

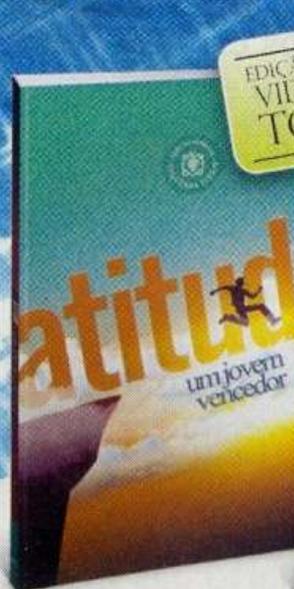
Fonte de vida ao seu alcance



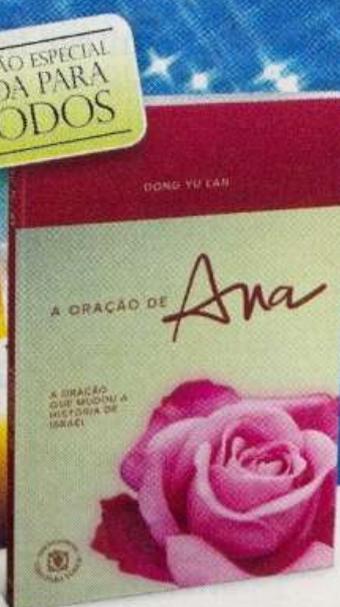
SUCESSO E FRACASSO DE UM LÍDER
DONG YU LAN
PÁGINAS



O PLANO DE DEUS PARA AS NAÇÕES
DONG YU LAN
136 PÁGINAS



ATITUDE - UM JOVEM VENCEDOR
CORPO REDATORIAL
72 PÁGINAS



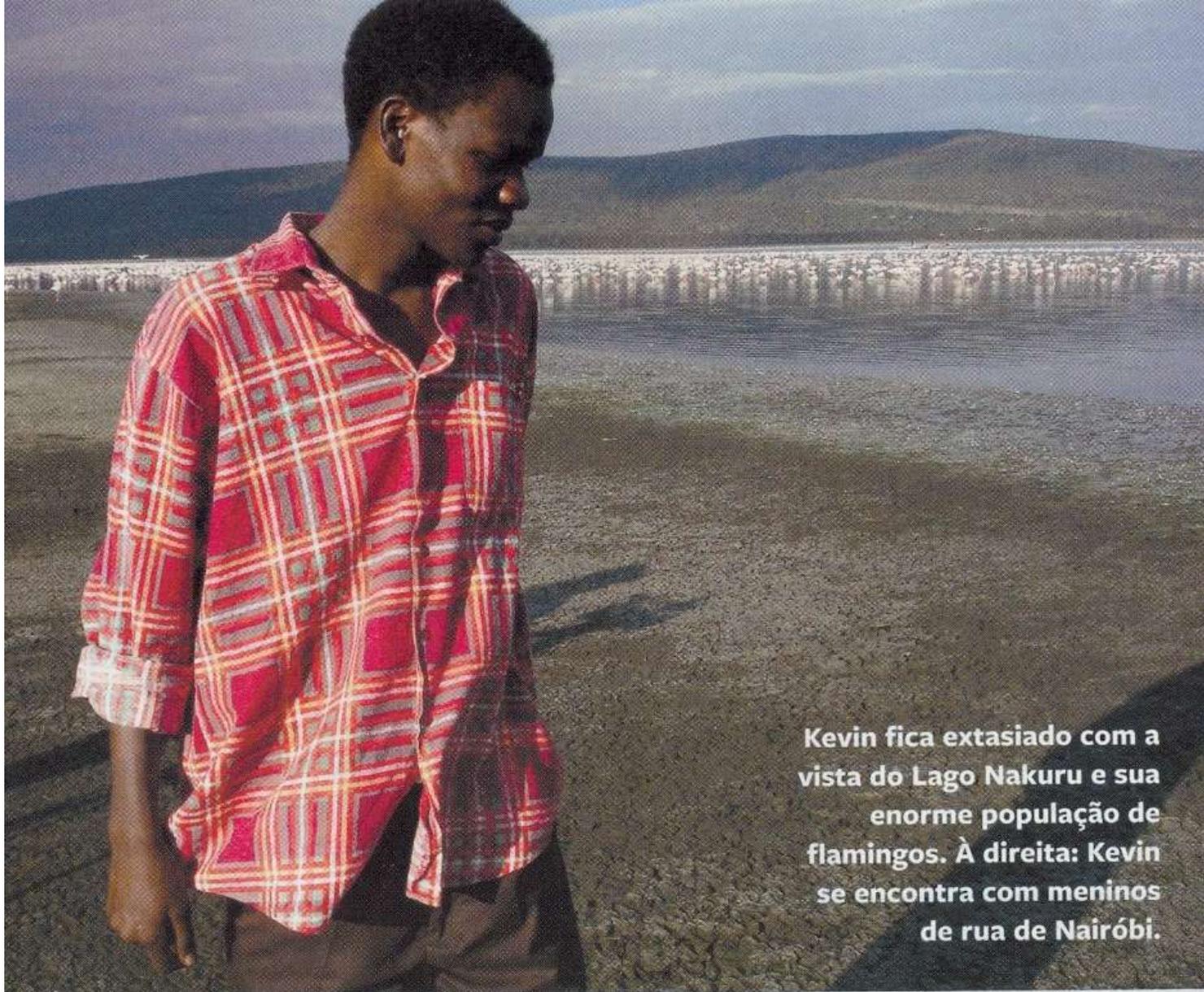
A ORAÇÃO DE ANA
DONG YU LAN
72 PÁGINAS

APENAS
R\$ 10,00

Ligue grátis: 0800 555 123
<http://www.arvoredavida.org.br>



editora
ÁRVORE DA VIDA
A preciosidade colocada em livros



Kevin fica extasiado com a vista do Lago Nakuru e sua enorme população de flamingos. À direita: Kevin se encontra com meninos de rua de Nairóbi.

cupar com a alimentação, agora pode se concentrar nos estudos. Kevin diz que adora Ciências e Matemática, que frequenta a igreja regularmente e que visita os vizinhos.

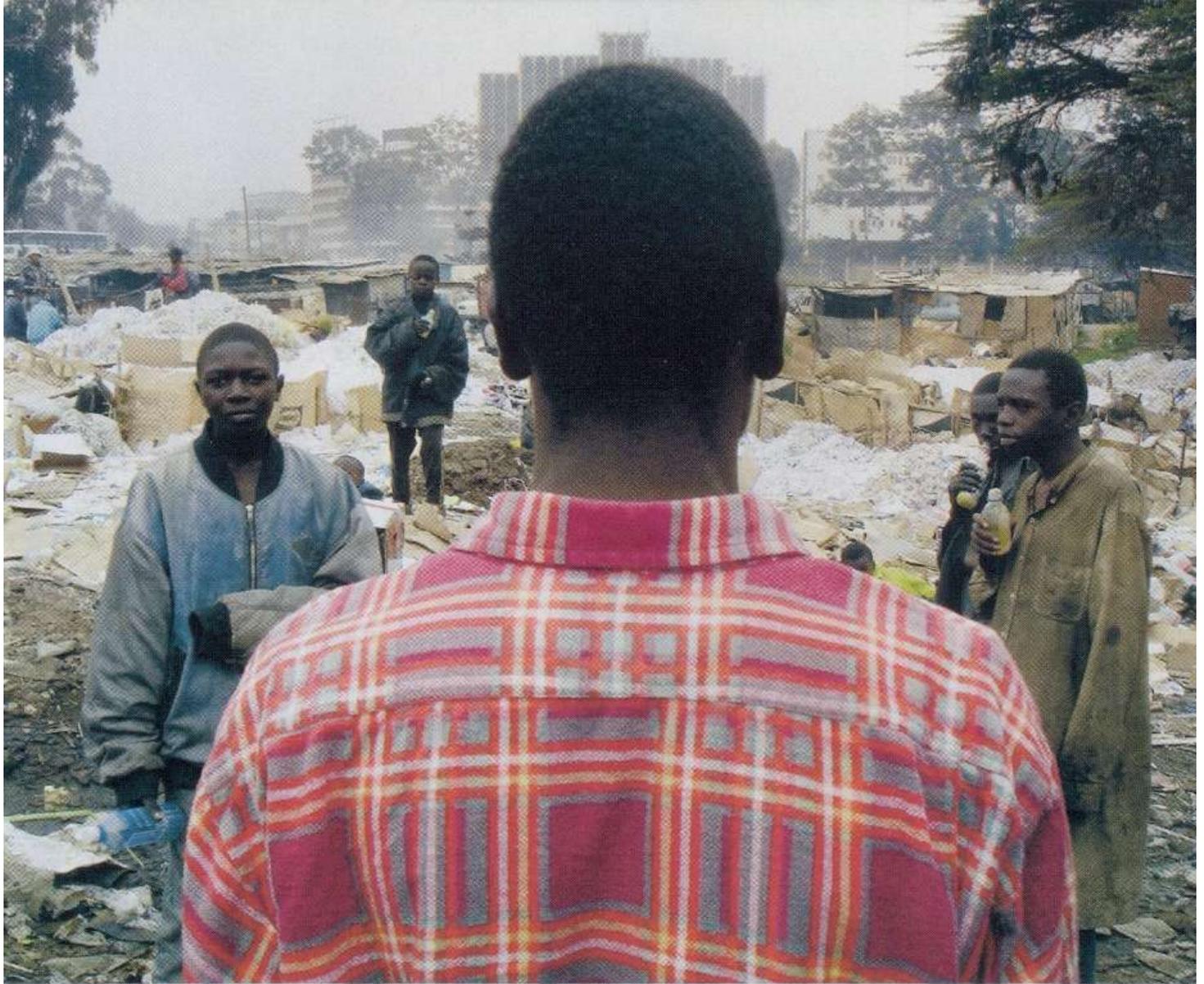
“Ainda quero ser médico”, diz. Mas, quanto à Aids, admite: “Tenho medo dela.” Em toda a volta, vê a epidemia trazer sofrimento. Ele mesmo nunca diz a ninguém como morreram os pais, por causa do estigma. Mas quase um quarto da população da cidade é HIV-positiva e um quarto das meninas da idade dele são portadoras do vírus.

Católico praticante, Kevin quer saber como evitar a contaminação. Seu vizinho, um “ancião” da aldeia, lhe disse categoricamente que os preservativos

não são a solução e aconselhou Kevin a “rezar a Deus”. Agora com 15 anos, Kevin me diz que precisa de uma solução melhor do que essa para a crise da Aids. Mais uma vez, a curiosidade, a persistência e a paixão de Kevin pelas respostas me toca profundamente.

Assim, entrevistamos enfermeiras, pesquisadores e pessoas da comunidade. A maioria dos homens insiste que os preservativos não funcionam. O prefeito diz: “Abstenham-se!” Depois, Kevin conhece uma moça que só fez sexo com o marido, mas contraiu o HIV. Hoje, cria sozinha o filho de 4 anos e vende carvão para sobreviver.

Outra mulher, deitada num estrado, está em pele e osso. Quando a cortina



deixa entrar a luz ofuscante, ela diz que vai entregar o destino dos filhos às mãos de Deus. “Converse com os seus filhos”, diz Kevin, cheio de pesar. “Os meus pais morreram com o HIV e a minha vida tem sido difícil.”

Para superar o sofrimento, levamos Kevin para comer o seu prato predileto: frango com batatas fritas. Digo a ele que não é um prato saudável. Imediatamente, Kevin é todo ouvidos e pede que eu lhe diga o que comer e quando. Assim, além de confidente, viro nutricionista.

Troco muitas cartas e telefonemas com ele nos meses seguintes enquanto volta às aulas, e levo as suas perguntas à sede das Nações Unidas em Nova

York, à Roche Pharmaceuticals na Europa e a políticos e monges budistas na Tailândia. Todos dizem que a prevenção da Aids é fundamental e que não há cura. Em Sydney, na Austrália, visito Sean Emery, importante pesquisador, no Centro Nacional de Epidemiologia e Pesquisa Clínica do HIV na Universidade de Nova Gales do Sul. Em Melbourne, visito os pesquisadores Roger Short e Steve Wesselingh. Os cientistas dizem a Kevin que use preservativo quando tiver relações sexuais!

Num dos nossos telefonemas regulares, Kevin, agora com 16 anos, me diz que quer entrevistar os líderes do seu país a respeito da Aids. Ele sente que já é hora de ir à capital. Concordo.



Dali a algumas semanas, estamos juntos, mais à vontade do que nunca um com o outro. É óbvio que as aulas na escola estão dando resultado: o inglês de Kevin está melhor e ele se mostra cada vez mais confiante. Enquanto se prepara para visitar Nairóbi pela primeira vez, mal consegue conter a empolgação, com um sorriso sempre se insinuando no rosto.

Depois de alguns quilômetros de estrada, fica enjoado: nunca viajou tanto na vida. Mas a náusea some quando paramos no Lago Nakuru, onde milhares de flamingos se reúnem. Como sabe que poucos moradores da sua favela chegarão a ver essa paisagem famosa no mundo inteiro, Kevin se

acalma com o espetáculo de tantas aves, com o banho de sol dos rinocerontes e as centenas de gazelas que fogem quando nos aproximamos.

Em Nairóbi, Kevin continua a fitar espantado a multidão e os arranha-céus. A cidade é perigosa, conhecida pelos crimes cruéis. No dia seguinte, perdemos Kevin. Vasculho as ruas por um tempo que parece eterno. Então, de repente, lá está ele, passeando em meio à multidão com o seu andar *polé polé* (“lento lento”). Como um pai ansioso, digo a Kevin que não saia do meu lado. Ele sorri: gosta que alguém lhe diga de novo o que fazer!

Certa noite, lanchamos cachorros-quentes e refrigerante num *shopping*



Kevin se encontra com o Dr. Moody Awori, vice-presidente do Quênia. À esquerda: Humphrey, órfão de Nairóbi, mostra a Kevin o túmulo dos amigos.

na primeira ida de Kevin ao cinema. Quando a luz se apaga, *Star Wars Episódio III: A Vingança dos Sith* começa a passar e Kevin fica enfeitiçado enquanto Anakin Skywalker e Obi Wan-Kenobi lutam. Depois, sorrindo de orelha a orelha, diz: “Foi maravilhoso!” O seu prazer é contagiante.

A viagem não estaria completa sem a visita de Kevin ao líder religioso regional, o arcebispo católico Raphael Ndingi Mwana 'a Nzeki.

Com o opulento traje roxo, o padre diz um “Não!” inequívoco aos preservativos. Diante desse exemplo vivo de dogma religioso, Kevin sai abalado.

Mais tarde, num orfanato católico para crianças HIV-positivas, ele faz amizade com Humphrey, um garoto da sua idade, e finalmente ouve algo diferente. Humphrey leva Kevin até o cemitério do orfanato, onde cruces de madeira homenageiam dezenas de ex-colegas seus. Ele diz a Kevin que o padre

“Converse com os seus filhos”, diz Kevin, cheio de pesar. “Os meus pais morreram com o HIV e a minha vida tem sido difícil.”

D'Agostino, encarregado do orfanato, disse às crianças: "A abstinência é 100% segura; fora isso, usem preservativos."

Diante da postura do Vaticano, esse conselho é quase herético. Mas o padre D'Agostino explica que, quando se age com boas intenções, o efeito colateral menor é permissível. "Quem usa preservativo quer impedir a transmissão da doença e não atrapalhar a procriação."

Dias depois, levado para conhecer uma das políticas mais importantes do Quênia, Kevin transmite à ministra da Saúde o ponto de vista do padre. A ministra Charity Ngilu revela o desapontamento com a insistência do país na "abstinência" quando há uma crise de jovens contaminados pelo HIV. "É mais barato manter as pessoas vivas do que dizer a elas que se 'abstenham'", é o que revela a Kevin.

No dia seguinte, pela primeira vez na vida, Kevin veste um terno (doador). Vai conhecer o vice-presidente do Quênia, o Dr. Moody Awori. Na viagem de táxi, Kevin treme de nervoso. Para acalmá-lo, falo de um déspota que exigia que lhe dessem tantos títulos, como "Mais Excelsa Excelência", que era preciso uma página inteira só para escrever o nome dele. Para aliviar o nervosismo, digo a ele que me chame de "Excelsa Excelência". Ele ri, rápido: "Claro, Excelsa Excelência."

Sentado na sala luxuosa e forrada de couro do vice-presidente Awori, o Rapaz de Terno Escuro começa: "Em relação a mais de um milhão de órfãos da Aids no Quênia, que planos o governo tem?"

O vice-presidente Awori responde educadamente e depois pergunta o que Kevin vai fazer. O rapaz fica um pouco aturdido, mas, com orgulho, olha o vice-presidente nos olhos. No táxi da volta, digo a Kevin que o título dele deveria ser "Presidente"! Ambos rimos e decidimos nos divertir na última noite em Nairóbi. Mas primeiro preciso que ele assine um documento para receber recursos. Explico que estou organizando um modo de mantê-lo financeiramente, caso algo me aconteça.

"Você vai me deixar", diz ele, visivelmente angustiado. "Vai me deixar depois de todo esse tempo." Percebo que Kevin tem medo de que eu vá "abandoná-lo", como tinham feito os pais, ao morrer. Ele diz que, embora eu more longe, para ele sou como mãe e pai. Com uma pontada no coração, percebo qual é o meu verdadeiro título: para Kevin, sou "Os Pais". Conversamos até as lágrimas de Kevin secarem. Mais uma vez, me espanto ao ver como ele é vulnerável... e, ao mesmo tempo, tão forte.

Um provérbio africano diz que é preciso uma aldeia para criar um filho. No caso de Kevin, é preciso uma comunidade global para levá-lo à universidade. Apesar de Kevin terminar o ensino médio com conceito B+, uma façanha fantástica para quem se criou sozinho, as vagas nas universidades do Quênia parecem fora do seu alcance. Na sua terra natal, essa honra é só para a elite, não para órfãos da Aids.

No entanto, como se fosse mágica, uma série de fatos fortuitos começa a se desenrolar: primeiro, Sean Emery,



Kevin (à direita), o cineasta Miles Roston (segundo à direita) e amigos comemoram com frango e batata frita.

da Universidade de Nova Gales do Sul, patrocina a viagem de Kevin até uma conferência sobre Aids em Sydney. Cinco mil delegados de 133 países vão discutir a pesquisa do HIV. Para um candidato a médico, é uma oportunidade fantástica.

Kevin aproveita ao máximo a ocasião e digere, ansioso, coisas que nunca viu na vida. Também faz novos amigos, como Alischa Ross, 27 anos, de Melbourne e também órfã da Aids, que formou o grupo Yeah (yeah.org.au) para transmitir à juventude australiana mensagens sobre prevenção.

Depois da conferência, Kevin e Alischa falam em várias escolas perto de Melbourne; entre as palestras, ele e eu fazemos turismo. Assistimos a um filme sobre dinossauros em 3D Imax que deixa Kevin apavorado e depois nos encontramos com Steve Wesselingh, que, em breve, será decano da

Faculdade de Medicina, Enfermagem e Ciências da Saúde da Universidade Monash. Contentíssimo de finalmente conhecer Kevin em pessoa, Wesselingh o criva de perguntas. Cheio de timidez, Kevin tropeça nas respostas, mas se mantém fiel ao desejo de ser médico. “Ainda estou decidido a fazer o que for necessário”, diz Kevin.

Na mesma hora, Wesselingh promete levar o caso dele à reunião do corpo docente da Monash no dia seguinte.

Pela manhã, Kevin aparece num programa de TV e um casal de Sydney que assiste à entrevista resolve ajudar. Em seguida, Wesselingh telefona para dizer que Kevin tem hora marcada com o decano em exercício da universidade. Poderíamos estar lá na sexta-feira de manhã cedo? Claro!

Somos recebidos pelo Dr. Leon Pannetta, que nos diz que Kevin foi aceito pela Universidade Monash. Se termi-

nar o bacharelado, poderá continuar estudando. “É uma oportunidade de ajudarmos alguém que transpôs obstáculos que muito pouca gente foi forçada a superar”, foi como resumiu a questão.

Mas, quando Kevin volta ao Quênia, há mais obstáculos a transpor. As eleições no país resultaram num banho de sangue indizível e Kisumu é o epicentro da violência. Viajar até Nairóbi para a prova de inglês exigida pelo Departamento de Imigração parece impossível; há tiroteio até na rua de Kevin.

Os patrocinadores de Kevin no Quênia o põem num avião para Nairóbi numa trégua da violência. Kevin faz a prova e passa por exames médicos, mas aí descobrimos que são necessárias oito semanas para processar o resultado. Isso significa que ele pode perder um ano inteiro de aulas. Dessa vez, quem ajuda é a Universidade Monash, que contrata uma empresa especializada em imigração para agilizar as coisas.

Finalmente, em 23 de fevereiro de 2008, um rapaz africano magro de 20 anos desembarca no Aeroporto de Melbourne. Na época, estou longe, trabalhando em outro filme, mas a universidade manda buscar Kevin e ele

se instala confortavelmente no alojamento que vai dividir com outro colega estrangeiro no *campus*.

Wesselingh, agora decano, adora saber notícias de Kevin e falar sobre o compromisso da universidade com estudantes destituídos como ele.

“Ter alguém como Kevin, que personifica o que está acontecendo na África, é inspirador para todos aqui. Não há por que Kevin não se tornar médico. Ele é apaixonado e decidido.”

Quanto a mim, vivo me espantando com a dedicação de Kevin para se aperfeiçoar. O menino que conheci se transformou num rapaz e viajou milhares de quilômetros desde a época em que “esticava a semana” com um cozido de tomate e repolho. Que novas descobertas dividirá comigo dessa vez no nosso bate-papo telefônico semanal?

– Hoje aprendi a fazer um molho com carne moída – confessa Kevin com um toque de orgulho na voz.

– Bolonhesa? – pergunto, sorrindo.

– Isso mesmo! – responde ele, a voz cheia de prazer. – Estou aprendendo a fazer espaguete à bolonhesa!

Fico aliviado ao saber que Kevin está feliz. Por enquanto, para ele o flagelo da Aids parece distante.

AJUDANDO A CONCORRÊNCIA

No mercado, não consegui alcançar a Pepsi Diet na prateleira de cima. Vendo passar um senhor alto, pedi a ajuda dele.

– Meu patrão não ia gostar disso, mas assim mesmo vou ajudar.

Curiosa, perguntei qual o motivo.

– Porque eu trabalho para a Coca-Cola – respondeu ele, sorrindo.

Beverly Druzin, Canadá